



## O homem do lado

*Sobre o filme argentino dirigido por Gastón Duprat e Mariano Cohn, visto no Festival de Cinema de Rio de Janeiro*

Stella Jiménez

Numa bela casa envidraçada mora um casal sofisticado e charmoso. Sendo a única construção feita por Le Corbusier na Argentina, a casa é visitada constantemente por professores, alunos de arquitetura e curiosos em geral, que passeiam ao redor do imóvel e olham o que é possível ver pelas amplas janelas. O casal-vitrine parece não se importar com isso — como numa exemplificação do olhar preexistente ou onividente de que nos fala Lacan no *Seminário 11* —, como se eles administrassem especialmente bem o fato de que, na nossa existência, “[é-se] olhado de todas as partes”.<sup>1</sup> Lacan nos diz: “eu entendo, e Maurice Merleau-Ponty nos mostra isto, que somos seres olhados no espetáculo do mundo. O que nos faz consciência nos institui, ao mesmo tempo, como *speculum mundi*. Não haverá satisfação em estar sob esse olhar (...) que nos discerne e que, de saída, faz de nós os seus olhados, mas sem que isso se nos mostre?”<sup>2</sup>

E, segundo Lacan, o mundo é onividente, mas não exibicionista. Quando começa a provocar nosso olhar, começa também o sentimento de estranheza.

Então, no filme, seguindo o texto lacaniano, o estranhamento vai surgir quando o olhar... se mostra! Um novo vizinho, repentinamente, abre um buraco, uma janela na parede voltada para a parte lateral da casa envidraçada. Essa janela vai permitir que a intimidade da casa seja violada.

Para reduplicar esse estranhamento, o homem que abre a janela, ao se encontrar com o protagonista, “mostra” um olhar especialmente fixo, perturbador, ameaçante.

A partir desse momento tudo muda. Quando esse olhar — não só olhar, mas um olhar exibicionista — entra em cena, estouram os problemas velados do casal-vitrine. Aparecem fraquezas, duplicidades, faces até então ocultas, muitos outros Eus menos charmosos e sofisticados. Além do mais, o protagonista, um designer de móveis de estilo Leonardo, começa a sofrer — como frente ao olhar da Medusa — de uma estranha paralisia em relação a seu desejo e

---

<sup>1</sup> Lacan, J. “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Em: *O Seminário, livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1979, p. 73.

<sup>2</sup> Idem, p. 76.



a sua criatividade. Ao mesmo tempo, uma esquisita e incompreensível competição com o vizinho surge também de sua parte...

Este filme se apresenta como uma comédia de humor negro. Além dessa definição, eu diria que o filme combina de uma maneira muito original um olhar realístico da vida cotidiana — no que colaboram os atores, em desempenho extraordinário — com elementos que o transformam em metáfora de elementos estruturais do sujeito e de fábulas urbanas.

Deve ser olhado também do ponto de vista sociológico. O “homem do lado” num momento diz: “eu só quero um pouco de sol. Olha quanto você tem”. Mas deixo tal recorte para os sociólogos.

O título “Homem do lado” parafraseia, obviamente, “A mulher do lado”, de Truffaut. Os dois filmes tocam em pontos equivalentes dos comandos religiosos. A mulher do lado *não* deve ser desejada por ser mulher do vizinho, e o próximo *deve* ser amado, “como a ti mesmo”. Conhecemos o indignado e brilhante discurso de Freud sobre esse dito, considerado por ele abusivo, que culmina na lapidária frase:

Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio. Não parece apresentar o mais leve traço de amor por mim e não demonstra a mínima consideração para comigo. Se disso ele puder auferir uma vantagem qualquer, não hesitará em me prejudicar; tampouco pergunta a si mesmo se a vantagem assim obtida contém alguma proporção com a extensão do dano que causa em mim. Na verdade, não precisa nem mesmo auferir alguma vantagem; se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim, em me insultar, me caluniar e em me mostrar a superioridade de seu poder, e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo.<sup>3</sup>

Lacan vai ainda mais longe: o ódio do próximo é estrutural e surge da ressonância do “ti mesmo”. Esse “ti mesmo” é, na realidade, o que produz o desejo de exterminação do vizinho. Seria a encarnação do estranho que vive em nós, nossa “das ding”. Não podemos amar o próximo porque não podemos nem nos aproximar, a não ser pela via da hostilidade e do ódio, desse estranho tão próximo que nos habita. Lacan se apoia na ressonância do “*Tu es*” francês com

---

<sup>3</sup> Freud, S. “O mal-estar na civilização”. *Obras completas*, v. 21, . Rio de Janeiro: Imago 1974, p. 131.



“*Tuer*” (matar) para justificar esta tendência translinguística, que é o que permite entender por que é mais fácil amar a humanidade do que não desejar matar nosso vizinho.

No filme, o vizinho da janela aparece como o contrário do sofisticado designer: homem vulgar, suburbano, com posturas corporais e atitudes imperativas. Ameaçador no seu olhar e no seu discurso, que remete a caçadas, armas, perigo. Um tipo de homem facilmente identificável na nossa fauna urbana<sup>4</sup> e, simultaneamente, quase uma caricatura de virilidade. E que, paradoxalmente, parece muito mais ameaçador quanto mais amigável se mostra. O filme acentua este aspecto: quanto mais amigo esse sujeito — tão próximo e tão diferente — parece, tanto maior o medo que *nos* produz.

Diversas outras situações e tantos outros personagens, ao mesmo tempo corriqueiros e metafóricos, aparecem no filme, entretanto, para não tirar o apetite de vê-lo, prefiro não dizer mais.

---

<sup>4</sup> argentina, pelo menos.